

PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O USO DO MATERIAL PARAQUEDAS

Laércio Clayton Rodrigues de Souza ¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho descreve a experiência de sessões de Psicomotricidade Relacional com uso do material paraquedas inseridas na programação de comemoração do dia das crianças de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental na cidade de João Pessoa-Paraíba. As referidas sessões aconteceram durante a realização do estágio pertencente à disciplina Prática Profissional Supervisionada II do curso de Formação e Especialização em Psicomotricidade Relacional promovido pela Faculdade de Tecnologia do Instituto Paranaense de Pesquisa e Ensino em Odontologia (IPPEO-PR) e pelo Centro Internacional de Análise Relacional (CIAR-PR).

Com os avanços das pesquisas, no ano de 1980, André Lapierre e sua filha Anne Lapierre, adicionam o adjetivo Relacional a Psicomotricidade, para suprir a necessidade de estruturar o ser-humano, o corpo e a psique, de modo mais integral e não somente de modo funcional (Vieira; Batista; Lapierre, 2013).

A Psicomotricidade Relacional é definida como:

[...] um método que proporciona um espaço de legitimação dos desejos e dos sentimentos no qual o indivíduo pode se mostrar na sua inteireza, com seus medos, desejos, fantasias e ambivalências, na relação consigo mesmo, com o outro e com o meio, potencializando o desenvolvimento global, a aprendizagem, o equilíbrio da personalidade, facilitando as relações afetivas e sociais (Vieira; Batista; Lapierre, 2013, p. 32).

Essa agregação entre atividades motoras, emocionais e afetivas é um desafio para o processo ensino-aprendizagem e desenvolvimento integral da criança. A Psicomotricidade Relacional é um método que contribui de forma incisiva para este desafio (Santos; Renato; Carvalho, 2019).

¹ Graduado do Curso de Educação Física da Universidade de João Pessoa-PB, especializado em Natação e Hidroginástica pela Universidade Gama Filho-RJ e Psicomotricista especializado em Psicomotricidade Relacional pela Faculdade de Tecnologia do Instituto Paranaense de Pesquisa e Ensino em Odontologia-PR e Centro Internacional de Análise da Relacional-CE, professorlaercioclayton@gmail.com

Segundo Vieira (2009), o objetivo da Psicomotricidade Relacional é promover o desenvolvimento integral das crianças, envolvendo os aspectos: cognitivo, social, psicoafetivo e psicomotor.

O local onde acontece uma sessão de Psicomotricidade Relacional é chamado de *setting*. Devido a sua relevância, consiste em um espaço continente, simbólico permissivo e desculpabilizante, onde se estima a importância do espaço, do tempo e da organização (Pessoa *et al.*, 2019).

Os sete materiais clássicos usados na metodologia da Psicomotricidade Relacional são bolas, cordas, bambolês, bastões, tecidos, caixas e jornais.

Segundo Vieira, Batista e Lapierre (2013), as escolhas e o trato com os objetos que cada pessoa manifestar no decorrer dos jogos simbólicos nas sessões promoverão aporte ao psicomotricista relacional decodificar o conteúdo experienciado.

Os objetos são recursos empregados espontaneamente como mediadores que possibilitem estabelecer uma relação interpessoal. Cada forma e textura eclode uma conduta na criança, mas nem sempre esses “propósitos” são experienciados por elas (Lapierre; Lapierre, 2002).

Em 1984, o Professor de Educação Física e Psicomotricista Relacional, José Leopoldo Vieira, introduziu o material paraquedas para uso em sessões de Psicomotricidade Relacional. Esse marco teve início quando ele retornou ao Brasil após a participação no evento “*New Games*” realizado nos Estados Unidos e, a partir daí, passou a usar o seu paraquedas militar no Instituto Nacional da Educação de Surdo no Rio de Janeiro, local que realizou suas primeiras experiências pedagógicas com este material (CIAR, 2017).

Segundo a teoria de Lapierre, os objetos relacionais funcionam como facilitadores das relações, seja um mesmo objeto para vários indivíduos ou um para cada (Lapierre; Lapierre, 2002).

De acordo com Guerra (2012), cada material possui características simbólicas, físicas e pedagógicas distintas que podem ser interligadas com os aspectos psíquicos.

O paraquedas, material desse estudo, oportuniza a integração do grupo, através de brincadeiras coletivas. É um material flexível, leve e deixa o jogo com uma energia contagiante que propicia as relações interpessoais no grupo.

Em nível da realidade, retrata a cooperação, o ritmo, a agilidade, a velocidade, a criatividade, a voz, o grito, o tempo de reação e a força. Beneficia atividades com noções espaço-temporais.

No aspecto simbólico, é um grande material continente, que une e abarca o grupo. Possui textura sedosa que conduz a vivências regressivas individuais ou coletivas, além de outras contingências.

O objetivo do trabalho é apresentar o relato de experiência do uso do material paraquedas em quatro sessões de Psicomotricidade Relacional nas turmas do 1º e 2º anos do ensino fundamental.

METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de um relato de experiência. A prática ocorreu numa Escola Municipal de Ensino Fundamental em um bairro da zona sul da cidade de João Pessoa-Paraíba. A referida instituição de ensino tinha 650 alunos no ano de 2023 e foi pioneira, entre escolas públicas ou privadas no estado da Paraíba, no emprego da metodologia da Psicomotricidade Relacional. O pioneirismo foi possível por meio de um convênio público entre Prefeitura Municipal de João Pessoa e Faculdade de Tecnologia do Instituto Paranaense de Pesquisa e Ensino em Odontologia (IPEEO-PR) e Centro Internacional de Análise Relacional (CIAR-PR), por ocasião de um estágio supervisionado.

Os pais e/ou responsáveis receberam um comunicado, no qual argumentava sobre a Psicomotricidade Relacional, bem como solicitava a autorização do uso da imagem das crianças para fins de pesquisa científica e divulgação acadêmica. As sessões foram registradas por meio de filmagens e registro fotográfico por aparelho celular.

Na manhã do dia 11 de outubro de 2023, aconteceu um evento em alusão ao dia das crianças na escola, no qual participei realizando quatro sessões de Psicomotricidade Relacional, com quatro turmas da Educação Infantil, a saber: o 1º ano A com 20 alunos, o 1º ano B com 21 alunos, o 2º ano A com 21 alunos e o 2º ano B com 22 alunos. Cada sessão com duração de uma hora, em todas foi utilizado o material paraquedas.

A sessão foi dividida em quatro partes: Ritual de Entrada; Jogos Simbólicos e Atividades Sensório-motoras; Relaxamento; e Ritual de Saída.

Dentre as turmas que participaram das vivências, destaca-se que em três destas tinha uma criança diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e, em uma, tinham duas crianças Autistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas quatro sessões com o uso do paraquedas, conforme a metodologia da Psicomotricidade Relacional dentre as atividades propostas para a comemoração do dia das crianças da escola. As sessões aconteceram em uma sala grande, bem iluminada e climatizada, chamada sala de vivências. As crianças foram conduzidas até a sala pela professora responsável de cada turma. A primeira sessão teve início às 7h15min, a segunda iniciou às 8h20min, em seguida, aconteceu um intervalo de 20min para o lanche das crianças, retornei às 9h45min com a terceira sessão e a quarta e última começou às 10h50min.

No decurso da 1ª parte da sessão, o Ritual de Entrada, sugeri para as crianças que ficassem descalças, mas não sendo uma obrigatoriedade, e todas aderiram à sugestão.

Conforme Lapierre e Lapierre (2002), ficar descalço para entrar em algum local é fazer deste local a ‘sua casa’, acatar uma intimidade, uma confiança, impossibilita-se da segurança de poder ir embora, pois para ir embora é necessário estar calçado.

A priori, em todas as sessões, as crianças guardaram seus calçados e entraram entusiasmadas na sala. Quando percebiam aquele objeto grande e colorido no chão, corriam para perto dele, uns gritavam, alguns foram até o meio do paraquedas, uns pulavam em cima. Esse comportamento foi observado nas quatro sessões.

Como as sessões foram com paraquedas, não utilizamos o material chamado de tapete, pois o próprio paraquedas já agrega e acolhe as crianças para a verbalização das rodas de conversas do Ritual de Entrada e do Ritual de Saída.

Em todas as vivências, durante a 1ª parte da sessão, o Ritual de Entrada, as crianças após alguns minutos de euforia ao entrarem na sala, sentaram ao redor do paraquedas para iniciarmos os combinados, onde elucidei sobre os limites dentro do *setting* e explanei sobre as três regras que compõem uma sessão de Psicomotricidade Relacional. Essas regras são: 1ª preservar seu próprio corpo, 2ª preservar o corpo do colega e 3ª preservar os materiais utilizados e todos objetos da sala.

Na segunda parte da sessão, chamada de Jogos Simbólicos e Atividades Sensório-motoras, as crianças das quatro turmas tiveram o mesmo comportamento, foram participativas, alegres e empolgadas. Entretanto, duas crianças, um menino típico e uma menina com TEA, de turmas distintas, apresentaram comportamentos indolente e tímido em algum momento das brincadeiras, precisando de minha mediação.

O autismo é definido como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades de interação social, déficits na reciprocidade social, comportamentos não

verbais de comunicação, déficits na comunicação social e comportamentos repetitivos e restritos (APA, 2014).

O menino típico ficou tímido quando foi escolhido para ser o gato no jogo – Gato e o Rato, desistiu da brincadeira, ficou apático, soltou o paraquedas e se afastou um pouco do objeto, lhe proferi palavras motivacionais, mas ele não reagiu, dessa forma escolhi outra criança que prontamente foi ser o gato na brincadeira. Depois de uns minutos, fui até a criança, fiquei de cócoras para ficar na mesma altura dele, lhe acolhi pela mão e lhe falei olhando nos seus olhos: “vamos lá continuar as brincadeiras, se você não quiser ser o gato tudo bem, não tem problema, mas vamos continuar brincando com toda a turma, se você não quiser mais brincar, também está tudo bem”. Assim que parei de falar, ela sorriu e voltou a interagir com a turma segurando o paraquedas e participou ativamente das demais brincadeiras.

A menina com TEA estava participando das brincadeiras em conjunto com a turma. Em um determinado momento, durante a brincadeira – Saia da baiana, suas mãos se soltaram do paraquedas, após esse acontecimento ela ficou indolente e passou a me olhar. Eu continuei brincando por alguns instantes com as demais crianças, ela continuou com o mesmo comportamento indolente, então eu me abaixei e falei olhando nos seus olhos: “vamos lá, pegue novamente no paraquedas, pegue com força, você consegue!” e, imediatamente, a menina voltou a segurar o paraquedas com firmeza e voltou a brincar com a turma.

De acordo com Lapierre e Auconturier (2012), o corpo separado da inteligência e da afetividade, não é mais que um conceito vazio, uma abstração, um fantasma intelectual.

A Psicomotricidade Relacional informa que:

O corpo é também um lugar de prazer e desprazer, porém mais que estas sensações físicas, vivemos em nosso corpo e por meio dele, todas as nossas relações afetivas e emocionais: alegria, tristeza, ira, amor, medo. Estes sentimentos estão estreitamente ligados às tensões musculares tônicas involuntárias, de modo geral inconscientes, que os acompanham e sem as quais não poderiam existir (Vieira; Batista; Lapierre, 2013, p.136).

Conforme Furini (2010), a Psicomotricidade Relacional tem como eixo norteador o brincar (jogar). Esse panorama reúne uma série de procedimentos e interação pedagógica que emprega a via corporal como base para melhorar as relações da criança com as outras crianças, com os objetos e com o adulto, para assessorar os recursos do desenvolvimento e da aprendizagem.

Vieira, Batista e Lapierre (2013) ressaltam que a Psicomotricidade Relacional no contexto escolar incentiva a habilidade relacional entre professores e alunos.

Insere-se no contexto educativo proporcionando um espaço para expressão corporal da criança e do adulto, na manifestação dos impulsos inconscientes que os levam á busca do conhecimento, a afirmação da própria identidade e a superação de conflitos normais do desenvolvimento, potencializando o desejo de aprender. Deve portanto, ser incluída no Currículo Escolar como uma atividade sistemática com fins preventivos e profiláticos (Vieira; Batista; Lapierre, 2013, p.134-135).

A Psicomotricidade Relacional, no âmbito escolar, reverencia a evolução filogenética infantil, além de proporcionar o seu desenvolvimento maturacional nos quesitos relacional, motor, social e afetivo (Guerra, 2012). Essa proposta de ampliação coincide com desempenho evolutivo descrito por Wallon, Piaget e Freud (Vieira; Batista; Lapierre, 2013).

Um estudo feito por Bersch e Piske (2020) com 16 crianças de 4 a 5 anos de uma turma do Nível I da Educação Infantil, com duração de três meses, duas vezes por semana, totalizando 30 horas/aula na Escola de Educação Infantil da rede pública da cidade de Rio Grande-RS, constatou que a estratégia do método da Psicomotricidade Relacional em usar diferentes materiais contribuem para evolução no comportamento e no desenvolvimento biopsicossocial e psicomotor das crianças. E que o brincar é um elemento fundamental no desenvolvimento infantil, fase que alicerça valores, que influencia o faz de conta, a imaginação e a magia de (re) criar. Reafirmaram que a metodologia da Psicomotricidade Relacional pode (e deve) ser empregada na escola.

Na 3ª parte da sessão, o Relaxamento, o que chamou a minha atenção foi que todas as crianças das quatro turmas conseguiram “desacelerar”, se acalmaram e a maioria deitou sobre o paraquedas nesse momento de calma.

No Ritual de Saída, 4ª e última parte da sessão, os discentes das quatro vivências sentaram ao redor do paraquedas para termos mais um momento de conversa e escuta. Todos aderiram tranquilamente a esse movimento e muitos se pronunciaram, uns falaram que gostaram muito do paraquedas, outros falaram que queriam brincar mais e muitos perguntaram se iriam ter mais aulas comigo e o paraquedas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo, a partir desse relato de experiência, que a educação é indissociável da inclusão e que a estratégia de usar o material paraquedas através da metodologia da

Psicomotricidade Relacional no ambiente escolar mostrou-se ser uma valiosa ferramenta pedagógica que facilita a evolução da interação social em seus vários contextos e promove o desenvolvimento integral das crianças.

Sugere-se que o tema uso do paraquedas através da metodologia da Psicomotricidade Relacional na escola seja mais discutido e divulgado na comunidade acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Municipal de Ensino Fundamental Aruanda e a Prefeitura Municipal de João Pessoa pela parceria. Também agradeço ao CIAR Curitiba e à ÍNTEGRA Fortaleza, ao supervisor do estágio, Rodrigo D. Feller, especialmente, a todos os discentes que, com seus simbolismos, acrescentaram a minha formação profissional.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BERSCH, A. A. S.; PISKE, E. L., Psicomotricidade relacional: estratégia de intervenção pedagógica na educação. **Itinerarius Reflectionis**, v. 16, n. 03, 2020.

CIAR PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL. **O uso paraquedas pedagógico surgiu [...]**. Curitiba. 24 Ago. 2017. Facebook: CIAR Psicomotricidade Relacional @ciarbrasil. Disponível em: < <https://www.facebook.com/ciarbrasil>>. Acesso em: 28 fev.2024.

FURINI, A. B. Psicomotricidade Relacional. In: FURINI, A. B.; SELAU, B. **Psicomotricidade Relacional e inclusão na escola**. 1a ed. Lajeado: Univates Editora, 2010.

GUERRA A. E. L. **O processo de supervisão na formação do psicomotricista Relacional**. Dissertação de Mestrado, Mestrado em Psicomotricidade Relacional. Universidade de Évora, 2012.

LAPIERRE, A.; AUCOUTURIER, B. **A simbologia do movimento: Psicomotricidade e Educação**. 4a ed. Fortaleza: RDS Editora, 2012.

LAPIERRE, A.; LAPIERRE, A. **O adulto diante da criança de 0 a 3 anos: Psicomotricidade relacional e formação da personalidade**. 2ª ed. Curitiba: Ed. da UFPR: CIAR, p. 104, 2002.

PESSOA, O. F. *et al.* **Psicomotricidade Relacional na escola pública: inclusão, alfabetização e saúde emocional.** I Congresso Internacional de Psicomotricidade e XIV Congresso Brasileiro de Psicomotricidade. Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, H. U. B.; RENATO, B. J.; CARVALHO, J. O. **A psicomotricidade relacional como propulsora do desenvolvimento psicoafetivo e da socialização em alunos da educação infantil.** Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 27(2): 82-96, abr.-jun, 2019.

VIEIRA, J. L.; BATISTA, M. I. B.; LAPIERRE, A. **Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática.** Cidade: Fortaleza. RDS Editora, 2013.

VIEIRA, J. L. Palestra: **Psicomotricidade Relacional: a teoria de uma prática. III Congresso Internacional do Conhecimento Científico (CICC), 2009.**